

## A REPRESENTAÇÃO DA HOMOFOBIA NA OBRA “O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN” DE ANNIE PROULX.

Tomé Fernandes Caitano<sup>1</sup>

Mariana Rissi Azevedo<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa tem como finalidade trazer à tona a discussão acerca da LGBTfobia com o intuito de combatê-la. Para isso foram feitas análises da representação da homofobia na obra “O Segredo de Brokeback Mountain” de Annie Proulx, fazendo relação da obra com o contexto histórico da luta pelos direitos dos LGBTQI+ nos Estados Unidos na década de 60, momento no qual se passa o enredo do conto, além disso, contrasta-se a representação da homofobia no conto com a atual situação dos homossexuais no Brasil, tendo em vista o contexto ideológico e político no qual o país se encontra. A metodologia desta pesquisa é de cunho bibliográfico analítico e consiste em extrair trechos da obra “O Segredo de Brokeback Mountain” de Annie Proulx nos quais são demonstrados os impactos causados pela homofobia e analisá-los pelo viés da Teoria Queer representada pelos teóricos: João Paulo de Lorena Silva (2016), Ederson Luís Silveira (2016), Leonard Cristy Souza Costa (2016), Harald Patzer (2013), Guacira Lopes Louro (2008), Eve Kosofsky Sedgwick (2007) e Annamarie Rustom Jagose (1996). Por fim esta análise é contrastada com a homofobia existente no Brasil na atualidade, tendo por base a pesquisa realizada por Debora Diniz e Rosana Medeiros de Oliveira na obra *Notícias de Homofobia no Brasil*, publicado em 2014, assim como dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), a mais antiga organização não governamental no Brasil, fundada em 1980, voltada para a defesa dos direitos dos LGBTQI+.

**Palavras-chave:** Homofobia, Teoria Queer, O Segredo de Brokeback Mountain.

### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa inicia-se com uma breve contextualização histórica, demonstrando como a década de 60 foi marcada nos Estados Unidos pela LGBTfobia. Na cidade de Nova Iorque sob a administração de Wagner, a polícia perseguia a comunidade gay, os homossexuais eram vistos como alvo de uma campanha para livrar a cidade de indesejáveis, e, por uma decisão judicial no início dos anos 40 não era permitido que estes fossem atendidos em bares licenciados para servir bebida, sob pena de revogação de funcionamento do bar. O cenário era de preconceito e revolução. É justamente no Estado de Wyoming, em 1963, que se passa o enredo da obra “O Segredo de Brokeback Mountain”, objeto desta pesquisa, a qual tem como objetivo trazer à tona a discussão acerca da homofobia com o intuito de combatê-la através da análise da

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM, [tomecaitano@gmail.com](mailto:tomecaitano@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente do curso de Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Universidade Federal do Amazonas- UFAM, [mari\\_rissi@hotmail.com](mailto:mari_rissi@hotmail.com)

obra pela perspectiva da Teoria Queer, contrastando o momento histórico dos Estados Unidos que ocasionou a rebelião de Stonewall e a LGBTfobia da atualidade no Brasil, tendo em vista o momento político histórico por qual o país perpassa.

A metodologia desta pesquisa é de cunho bibliográfico analítico e consiste em extrair trechos da obra “O Segredo de Brokeback Mountain” de Annie Proulx nos quais é demonstrado o impacto causado pela homofobia e analisá-los pelo viés da Teoria Queer representada pelos teóricos: João Paulo de Lorena Silva (2016), Ederson Luís Silveira (2016), Leonard Cristy Souza Costa (2016), Harald Patzer (2013), Guacira Lopes Louro (2008), Eve Kosofsky Sedgwick (2007) e Annamarie Rustom Jagose (1996). Em seguida, tais excertos serão relacionados com o contexto histórico dos Estados Unidos na década de 60, pois o enredo da obra se passa em 1963, e, por fim esta análise será contrastada com a LGBTfobia existente no Brasil na atualidade, tendo por base a pesquisa realizada por Debora Diniz e Rosana Medeiros de Oliveira na obra *Notícias de Homofobia no Brasil*, publicado em 2014 e também pautando-se em dados estatísticos do Grupo Gay da Bahia (GGB), a mais antiga Organização não governamental no Brasil, fundada em 1980, voltada para a defesa dos direitos dos LGBTQI+, e segundo esta organização a cada 19 horas um LGBTQI+ é assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia.

Diante desses dados, temos a noção do quanto o Brasil é um país culturalmente LGBTfóbico e que não aceita a diversidade sexual. Vale lembrar, que 52% dos homicídios contra os LGBTQI+ do mundo ocorrem no Brasil, ou seja, este é o país campeão mundial desse genocídio. Neste sentido, espera-se que a discussão acerca do assunto e o levantamento de dados possam fortalecer o combate à LGBTfobia e reforçar o direito de liberdade a todos para exercerem sua sexualidade sem serem vitimados pelo preconceito e marginalização.

## **PANORAMA HISTÓRICO DA LUTA PELOS DIREITOS DOS LGBTQI+ E A TEORIA QUEER**

Para que possamos entender como se deu a Teoria Queer é necessário traçarmos todo um contexto histórico que levou a criação dessa teoria. Um dos primeiros movimentos gay realizou-se no dia 28 de junho de 1969 em um bar chamado Stonewall Inn, nos Estados Unidos. Nessa época ser homossexual nesse país, e em muitos outros, era considerado crime. Stonewall atendia seus clientes sem discriminação, desse modo, quem frequentava esse lugar eram os gays, lésbicas, travestis, transexuais, prostitutas entre diversas outras pessoas que eram vistas como “anormais” pela sociedade da época. Esse bar funcionava de maneira clandestina, pois não tinha licença para comercializar bebida alcoólica, o que era proibido neste período. Porém,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

os donos do local pagavam propina à polícia da região para poder comercializar bebidas alcoólicas no recinto. Para a infelicidade das pessoas que frequentavam o espaço, policiais de outra região que não estavam subordinados à propina, fizeram uma fiscalização no local e se depararam com pessoas LGBTQI+ e começaram a prender quem estava travestido, ou seja, quem estava vestido de maneira “inadequada” no ponto de vista da heteronormatividade.

O acontecimento deste fato histórico tem início quando gays, travestis, lésbicas, e *drag queens* afrontam policiais que os rejeitavam, e iniciam uma revolta que daria base para o movimento pelos direitos LGBTQI+ não só nos Estados Unidos, mas em grande parte do mundo. Foi nesta mesma data e local, que os LGBTQI+ se revoltaram contra a opressão e se opuseram a polícia, iniciando um confronto direto. Este movimento tão marcante principalmente para os LGBTQI+ ficou conhecido como Stonewall Riot (Rebelião de Stonewall), que se estendeu por seis dias e foi uma resposta às ações massacrantes da polícia, que frequentemente realizavam batidas e revistas humilhantes em bares gays de Nova Iorque. Por este motivo o Dia Internacional do Orgulho LGBTQI+ é comemorado nesta mesma data, 28 de junho.

Esse assunto, por ser muito debatido e discutido, foi ganhando espaço nas mídias e principalmente na educação. Os autores começaram a pensar uma forma de posicionamento em relação a esse conteúdo. Desse modo, chegou-se as Teorias Queer. A partir desses movimentos sociais é que vão surgir teorias que irão tratar sobre essa questão de gênero e sexualidade. O termo “queer” era um xingamento nos Estados Unidos e significava estranho, esquisito, anormal, mas com o passar do tempo, as pessoas afetadas com essas injúrias passaram a utilizar esse termo como um grito de orgulho e com isso foram dando um novo significado a palavra, que passou então a ter uma nomenclatura científica. As Teorias Queer são as teorias mais contemporâneas e mais modernas a respeito da ideologia de gênero, e iniciaram-se a partir do final dos anos 90 por vários pesquisadores e ativistas bastante diversificados, especialmente nos Estados Unidos. Essas teorias propõem o questionamento do que se entende como heteronormatividade, as noções do que é ser masculino ou feminino e da essência do desejo. Para a Teoria Queer a identidade de gênero ou sexual não se configura apenas pela essência biológica, isto é, pela associação com os órgãos sexuais biológicos e cromossomos XX e XY. “Amplamente falando, Queer descreve esses gestos ou modelos analíticos que dramatizam incoerências nas relações supostamente estáveis entre sexo cromossômico, gênero e desejo sexual.” (JAGOSE, 1996, p. 3).

Há sempre uma grande discussão entre a essência e construção “Enquanto os essencialistas consideram a identidade como natural, fixa e inata, construcionistas assumem

que a identidade é fluída, o efeito de condicionamento social e disponível modelos culturais para entender a si mesmo” (JAGOSE, 1996, p. 8). Os essencialistas defendem a ideia de que as pessoas já nascem com a identidade construída, e que independente de sua criação, esta já tem sua personalidade formada. Por outro lado, vêm os construcionistas defendendo a ideia de que o sujeito é construído a partir dos discursos impostos sobre ele, ou seja, a ideologia cultural em que este está inserido faz com que este vá construindo sua própria identidade.

Na atualidade a concepção da identidade de gênero é também uma construção psicossocial, social e cultural, pois o ser humano não é apenas um ser biológico, ele é um ser psicológico, social e cultural. É necessário incluir todas essas dimensões para definir o que é a identidade sexual ou de gênero e no momento que a ciência e a filosofia foi gradativamente incorporando todas essas variáveis na sua definição do que é o gênero masculino ou feminino, observou-se que não dava mais para reduzir esse conceito só à associação aos órgãos biológicos, até porque o próprio conceito de masculino, feminino, homem ou mulher é uma construção psicossocial. Por conta dessas filosofias é tão complexo debater sobre gêneros pois “Falar em identidade compreende um terreno arenoso e de turbulências teóricas, sobretudo a partir da inserção dos estudos culturais que subverteram a noção de rigidez do termo e dos sujeitos a ele relacionados” (SILVA, SILVERA e COSTA, 2016 p. 148). Toda ideologia que carregamos conosco é formada por um contexto cultural que vivenciamos, por este motivo, rotular uma pessoa não é coerente se for levado em consideração a heterogeneidade entre os seres humanos.

A Teoria Queer não está associada a apenas uma identidade de gênero, dessa forma, ela é ampla e vasta que pode ser discutida e debatida nas mais diversas ocasiões, isso está de acordo com Jagose (1996, p. 02) quando afirma que “O queer é desalinhado com qualquer categoria de identidade específica, ela tem o potencial de ser anexada para qualquer número de discussões”. Esta teoria não está em busca de uma definição específica da sexualidade de cada um, é justamente ao contrário, ela questiona e coloca em pauta a diversidade de identidades sexuais existentes, e tenta mostrar a heterogeneidade sexual na sociedade.

O foco dessa teoria não seria propriamente as vidas ou os destinos de mulheres e homens homossexuais, mas sim a contestação radical à oposição binária heterossexual/homossexual, compreendida como a categoria basilar que organiza as práticas sociais, o conhecimento e as relações entre os sujeitos. (SILVA, SILVERA e COSTA, 2016 p. 151)

Quando afirmamos que o órgão sexual masculino ou feminino corresponde ao gênero masculino e feminino, estamos também afirmando que eles correspondem a uma forma de se comportar no mundo, a vestimenta, trejeitos, o próprio desejo sexual e é justamente esse pensamento que os teóricos da linha de pesquisa Queer vêm questionar. Eles vêm discutir que

o gênero vai se construir discursivamente na prática social. Falar de sexualidade é bastante polêmico, pois há uma gama de possibilidade de gostos sexuais, o que não nos dá o direito de rotular as pessoas.

Os seres humanos diferem, muitas vezes marcadamente, um de outro em seus gostos sexuais em uma grande variedade de maneiras (das quais o gosto por um parceiro sexual de um gênero específico é apenas um, e não necessariamente o mais significativo) é uma razão inquestionável e, de fato, uma observação antiga; mas não é imediatamente evidente que diferenças na preferência sexual são, por sua própria natureza, mais reveladoras sobre o temperamento de seres humanos individuais, determinantes mais significativos da identidade pessoal, do que, por exemplo, diferenças na preferência alimentar. (PATZER, 2013 p. 36)

Justamente por essas pluraridades de gostos, torna-se tão difícil rotular a sexualidade de cada sujeito, mas ao mesmo tempo essa pluralidade nos abre um leque de discussões e questionamentos para estudos e levantamentos de hipóteses que podem nunca serem respondidas.

Um dos pontos de partida para os estudos queer, é tentar desconectar a biologia da sociedade, e questionar a essência masculina e a essência feminina. Pode-se perceber pelos estudos sobre o assunto que isso não existe, pois não existe algo que seja genético em termos de comportamentos para definir masculinidade e feminilidade, isto é, uma construção social na heterossexualidade compulsória, na qual o normal, o regular, o aceito e o saudável é ser hétero, e qualquer outra orientação sexual diferente da heterossexualidade é vista como barbaridade, como perversão ou até mesmo doença.

O efeito do impasse da definição de gênero, assim como o do impasse minoritarizante/universalizante, deve ser visto, antes de mais nada, na criação de um campo de incoerência discursiva altamente estruturada e intratável num nóculo crucial da organização social; neste caso, o nóculo em que qualquer gênero é discriminado. (SEDGWICK, 2007 p. 52)

Nessa sociedade em que a maioria das pessoas são interpeladas pelo discurso religioso ou político, torna-se mais difícil se apresentar como LGBTQI+, pois a discriminação é constante. A Teoria Queer contraria e questiona a heteronormatividade que é uma palavra usada para representar situações nas quais orientações sexuais distintas da heterossexual são vistas como um desvio, seja pelas crenças religiosas ou políticas. Para a heteronormatividade existem apenas duas categorias distintas: macho e fêmea, e define que relações sexuais são normais somente entre estas duas categorias, ou seja, as relações devem ser realizadas apenas entre pessoas de sexo diferente, enquanto os outros sujeitos que não se encaixam nesse padrão são potencialmente alvos de ataques, seja físico, verbal, moral entre outras formas de preconceito.

Faremos a seguir uma análise pautada pela Teoria Queer na obra *O segredo de Brokeback Mountain* escrito pela autora Annie Proulx, que vem tratar justamente da questão da



homossexualidade. A obra traz um contexto histórico marcado pelo medo, não aceitação, preconceito, violência e homofobia, o que ainda é bastante recorrente nos nossos dias atuais. É certo que houve um grande avanço sobre a liberdade de expressão e de sexualidade em muitos países com o passar do tempo, mas é errôneo dizer que a LGBTfobia foi totalmente erradicada do mundo, pois em vários locais lésbicas, gays, travestis e transexuais ainda são presos, violentados, torturados e até mortos, sem direito a leis que os aparem de maneira adequada. Portanto, esta presente pesquisa tem como objetivo conhecer mais e compreender esses aspectos na obra em questão, e compará-la com os atuais acontecimentos no Brasil, no qual têm se propagado pelo atual governo, discursos homofóbicos e heteronormativos.

## REPRESENTAÇÃO DA HOMOFOBIA NA OBRA

Na obra, há várias cenas nas quais os personagens principais são tomados pelo medo, insegurança, não aceitação e além desses sentimentos os protagonistas são alvos da homofobia. A partir dessa perspectiva, ao longo deste artigo faremos uma análise desses pontos já mencionados, retirando trechos do conto “O Segredo de Brokeback Mountain”. Os personagens demonstram características rústicas, principalmente Ennis Del Mar. Um homem sério, de poucas palavras, e que não demonstra um pingão de fragilidade, talvez essa seja uma maneira que ele encontrou de amenizar ou ocultar seus sentimentos, pois sua trajetória de vida foi marcada pela homofobia, seu próprio pai era homofóbico e fazia questão que o filho percebesse a repugnância que ele sentia pelos homossexuais. Esse histórico violento era um dos principais motivos pelo qual Ennis não se assumia, podemos perceber isso com a fala de Ennis neste trecho do conto:

Não quero ser como esses caras que às vezes a gente ver por aí. Eu não quero morrer. Tinha aqueles dois velhos que moravam juntos lá na minha terra, Earl e Rich. Papai fazia um comentário quando via os dois. Eles eram uma piada apesar de serem velhos bem durões. Eu tinha uns nove anos quando encontraram Earl morto numa vala. Acertaram o bicho com uma chave de roda, ataçaram ele, arrastaram ele pelo pau até o dito cujo cair, só uma pasta de sangue, o que a chave de roda fez parecia pedaços de tomates queimados pelo corpo dele todo, o nariz arrancado de tanto arrastar no cascalho [...] Papai fez questão que eu visse isso. (PROULX, 1997, p. 37)

É bem perceptível a angústia de Ennis ao falar sobre o assunto, o que fazia com que escondesse seu sentimento de afeto por pessoas do mesmo sexo, e no momento estava ocultando das outras pessoas seu afeto por Jack. Esse medo em assumir esse sentimento provinha principalmente do convívio familiar que Ennis teve no passado, pois só conseguia ver dois homens juntos como uma falta de respeito, perversidade, doença entre outras características desprezíveis.

No começo do relacionamento entre eles, ambos não libertavam esse sentimento, não suportavam a ideia de serem homossexuais, como é possível perceber neste trecho: “Ennis disse. ‘Não sou bicha’ e Jack interveio com ‘Nem eu. Primeira e última vez. Não é da conta de ninguém a não ser da gente’. (PROULX, 1997, p. 20). Apesar dessas expressões, no fundo os dois sabiam que o que estava acontecendo não era apenas uma aventura, mas sim um grande sentimento entre eles, e o que talvez fazia com que se expressassem dizendo não serem “bichas” era apenas o medo de aceitar esse sentimento. A não aceitação partia primeiramente dos próprios personagens, o que dificultava ainda mais o convívio entre eles. Eles não conseguiam ver dois homens vivendo juntos. Como já dito antes, não queriam ser alvo de piadas e preconceito. O personagem deixa isso bem claro quando diz “Dois caras morando juntos? Não. Só consigo ver a gente se encontrando de vez em quando num fim de mundo” (PROULX, 1997, p. 38). Essa questão da dificuldade em se assumir é enfatizada por Sedgwick, quando afirma que:

Em muitas relações, senão na maioria delas, assumir-se é uma questão de intuições ou convicções que se cristalizam, que já estavam no ar por algum tempo e que já tinham estabelecido seus circuitos de força de silencioso desprezo, de silenciosa chantagem, de silencioso deslumbramento, de silenciosa cumplicidade. (SEDGWICK, 2007 p. 38)

Infelizmente, por conta da distância e do medo, Ennis não pode se despedir para sempre de seu amado. O que fez com que ele se sentisse ainda pior. Pois imaginou como poderia ter sido diferente, como eles poderiam ser felizes enfrentando a barreira do preconceito juntos. A notícia da morte foi dada pela esposa de Jack pelo telefone.

Jack estava enchendo um pneu no caminhão numa estrada secundária quando o pneu explodiu. O rebordo estava danificado não se sabe como e, com a força da explosão, o aro voou na cara dele quebrando-lhe o nariz e a mandíbula, deixando o inconsciente, caído de costas. Quando apareceu alguém ele já tinha se afogado com o próprio sangue. (PROULX, 1997, p. 56)

No exato momento em que a esposa de Jack deu a notícia Ennis logo imaginou “Não, pensou Ennis, pegaram ele com a chave de roda” (PROULX, 1997, p. 56). A chave de roda, era um símbolo que ele utilizava para se referir as agressões físicas homofóbicas, como igualmente acontecera no passado quando seu pai fez questão que visse o homem espancado e morto por uma chave de roda. Esse trauma ficou tão marcado na memória de Ennis que o impediu de viver ao lado do seu grande amor. E agora esse fantasma, esse assombramento do passado, ou seja, essa mesma chave de roda, agora havia tirado a vida de quem ele mais amava. Esse triste fim, não acontece só em histórias, filmes, novelas, contos entre outros gêneros fictícios. Infelizmente isso ocorre também em nossa realidade, a sociedade em que vivemos ainda é constantemente marcada pelo preconceito. Quantos Jacks e Ennises existem pelo mundo? Quantas pessoas

deixam de ser felizes por medo do que a sociedade irá pensar? Quantas pessoas são vítimas de homofobia todos os dias, seja por agressão física, verbal ou até mesmo moral? É partindo desse princípio que na próxima seção iremos abordar casos reais de homofobia que aconteceram e continuam acontecendo no Brasil, e como esses casos afetam diretamente na vida dessas pessoas vítimas do preconceito.

## HOMOFOBIA NO BRASIL

Não é preciso ir muito longe para nos depararmos com casos homofóbicos. Dentro do nosso próprio país, gays, lésbicas, transexuais entre diversas outras sexualidades, que não são aceitas pela heteronormatividade, são vítimas deste ato cruel. Com intuito de anunciar esses casos que muitas vezes são ocultados, foi criada a coletânea *Notícias de Homofobia no Brasil* publicada em 2014 pela editora Letras Livres, organizada por Débora Diniz e Rosana Medeiros de Oliveira, a obra contém notícias jornalísticas, e a partir destas são analisados dados do Observatório sobre Direitos Sexuais nas Mídias Brasileiras, que monitorou diariamente mais de 600 veículos noticiosos (jornais, revistas, portais, sites e blogs), em plataformas impressas e digitais, entre 1º de janeiro e 30 de junho de 2013. Foram analisadas 6.467 notícias. A iniciativa foi financiada pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, por meio do Convênio n. 775969/2012 e o projeto foi executado pela Anis – Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero.

Além da obra citada acima, é importante destacar que também existem organizações que abordam esses assuntos no Brasil, como por exemplo, o Grupo Gay da Bahia (GGB), que é uma ONG que tem como finalidade expor dados e notícias a respeito do público LGBTQI+ no Brasil, além dessa exposição, o grupo é voltado para a defesa dos direitos desta comunidade. Esta organização foi fundada por Luiz Mott do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia, no ano de 1980, e é considerada a mais renomada associação brasileira de defesa dos gays, sua sede está situada em Salvador, no Pelourinho. A presente organização tem como finalidade lutar contra a homofobia, informar sobre a homossexualidade e sobre os direitos LGBTQI+. Tendo como referência a obra *Notícias de Homofobia no Brasil*, percebe-se casos recorrentes no país semelhantes aos que aconteceram com o personagem Jack Twist do conto “O segredo de Brokeback Mountain” como, por exemplo, a notícia abaixo:

Foi encontrado nesta quarta-feira (23), às margens da BR-060, região do município de Camapuã, o corpo de um transexual de 19 anos, morto a facadas. A vítima foi encontrada “de quatro”, apresentando perfurações no peito e um corte profundo no pescoço. No local também havia indícios de uma possível luta corporal. O autor ainda não foi localizado, mas a polícia já identificou um suspeito e trabalha na tentativa de encontrá-lo. Na bolsa do transexual havia um bilhete de passagem indicando que a



vítima embarcou em Glória de Dourados, na terça-feira com destino à cidade onde foi morta. A família dele reside em Vicentina. (DINIZ e OLIVEIRA, 2014 p. 34-35)

O único fator que separa a morte de Jack Twist da notícia acima é que esta última não aconteceu em uma história ou em um conto, mas sim na nossa realidade, o que para muitos ainda é irrelevante. É preciso olhar para esses casos, falar, discutir e debater sobre o assunto, pois são fatos que aterrorizam todos os dias as vidas de pessoas que tem orientação sexual distinta da normalizadora. Vale ressaltar que essa notícia é apenas uma de centenas de casos que correm anualmente no Brasil, no qual pessoas são espancadas e até mesmo mortas por demonstrar seus sentimentos e emoções de maneira diferente que a heteronormatividade exige. O Grupo Gay da Bahia (GGB) contabilizou de 1 de janeiro de 2018 até 10 de abril de 2018, um total de 126 crimes cometidos contra a comunidade LGBTQI+ no Brasil, isso quer dizer que a cada 19 horas um LGBTQI+ é assassinado ou se suicida vítima da homofobia. Diante desses dados, temos a noção do quanto o Brasil é um país culturalmente LGBTQIfóbico e que não aceita a diversidade sexual. Vale lembrar, que 52% dos homicídios contra os LGBTQI+ do mundo ocorrem no Brasil, ou seja, este é o país campeão mundial desse tipo de genocídio.

Esses dados e notícias não são “criados” pelos veículos noticiários para dar crédito ou vitimizar o público LGBTQI+, eles realmente acontecem e são provas concretas de que a sociedade brasileira ainda carrega consigo uma mentalidade ultrapassada, na qual os indivíduos devem se adequar aos modos e preceitos que esta impõe. Os agressores quase nunca são identificados, mas através dos atos bárbaros cometidos é possível perceber que eles tentam passar uma mensagem, deixando claro o quanto é repudiada essa forma de sexualidade, como afirma Diniz e Oliveira “Os sobreviventes da violência homofóbica foram vítimas do poder normalizador que avança pelos corpos para discipliná-los.” (2014, p.71). Os agressores tentam abafar ou amedrontar de alguma forma o público LGBTQI+ por meio da materialização do discurso do ódio que causa danos muitas vezes irreparáveis nas vítimas, seja este, ato físico ou verbal.

Muitos podem se questionar, será que estas agressões realmente aconteceram ou acontecem por conta da LGBTQIfobia? Ao analisar os depoimentos de testemunhas, de LGBTQIfóbicos assumidos ou até mesmo da própria vítima (quando sobrevive), é possível perceber que, o efeito de sentido que os trejeitos e principalmente as ações LGBT-afetivas (beijar, abraçar, acariciar-se entre outras formas de demonstrar afeto) causam uma repugnância aos LGBTQIfóbicos, externamente visível aos olhos de quem os rodeiam, o que deixa claro que certos crimes são verdadeiramente causados por conta dessa não aceitação da sexualidade

alheia. Vejamos abaixo o relato de uma vítima que sobreviveu ao espancamento realizado por homofóbicos.

Meus amigos tentaram me acompanhar, mas foram barrados no caixa. Do lado de fora da casa dois seguranças me arrastaram para um jardinzinho na lateral da boate. Eu ainda estava preso pelo pescoço com a cabeça abaixada quando levei a primeira joelhada no rosto. Tentei proteger a cara, mas não consegui. Eles só queriam bater no meu rosto, eram socos e joelhadas. Eles gritavam “viadinho de merda” (DINIZ e OLIVEIRA, 2014 p. 68-69)

A agressão física deixa claro que a violência acima foi praticada por conta da homofobia, constatada pela linguagem verbal exposta pelos agressores ao utilizar a expressão “viadinho de merda” deixando nítida a presença da heteronormatividade compulsória, e a repulsa pela vítima, pelo simples fato desta ser gay e expressar isso em público.

Desse modo, a luta pelos direitos dos LGBTQI+ ainda está longe de cessar, pois o preconceito ainda é um dos principais desafios que esta comunidade tem que enfrentar, e enquanto as pessoas definirem a personalidade de alguém por sua orientação sexual, o Brasil continuará sendo um país alvo de violência e agressões contra os LGBTQI+.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho fez-se uma análise comparativa entre a representação da homofobia no conto “O Segredo de Brokeback Mountain” com a realidade brasileira, na qual muitas pessoas são vítimas deste ato violento. E para a construção consistente do artigo abordou-se diferentes aspectos que circulam em torno do público LGBTQI+, desde as teorias que estudam esta área (Teoria Queer) até ao modo como a LGBTfobia afeta a vida das pessoas que seguem uma orientação distinta da normalizadora. No Brasil, já foram propostos projetos que visem o combate à LGBTfobia nas escolas; em 2004, o governo federal lançou o programa **Brasil sem Homofobia** com a finalidade de combater a violência e o preconceito contra a população LGBTQI+, porém em 2011, o mesmo foi alvo de ataque e revolta por parte dos setores conservadores da sociedade representado pela bancada evangélica e do Congresso Nacional. A justificativa de tal repulsa pelo "kit gay" (como acabou pejorativamente conhecido), foi que este era responsável por "estimular a homossexualidade e a promiscuidade." O governo cedeu à pressão e suspendeu o projeto.

Diante disso, percebe-se o preconceito da sociedade conservadora em discutir sexualidade e LGBTfobia, como se estas não fizessem parte da nossa realidade, o que só dificulta a valorização do respeito ao próximo. É tão devastador perceber que uma grande parcela da sociedade está disposta a apedrejar quem luta pelo seu direito de amar, enquanto “fecha os olhos” diante dos crimes bárbaros cometidos contra o público LGBTQI+, como se os

“criminosos” fossem aqueles que imploram pelo direito de amar e ser amado, respeitar e ser respeitado. Tendo em vista tudo que foi explanado, é possível perceber que a obra “O segredo de Brokeback Mountain” é apenas uma representação literária do que acontece no cotidiano, ou seja, traz toda uma série de dificuldades que um LGBTQI+ precisa enfrentar diante da sociedade. A realidade que vivem os LGBTQI+ contém ameaças, agressões físicas, verbais e psicológicas, imposição do medo, insegurança, a não-aceitação, podendo até mesmo chegar à morte, do mesmo modo como aconteceu com o personagem Jack Twist.

Portanto, deixar de falar sobre o assunto não faz com que o mesmo seja banido da sociedade, por este motivo, faz-se necessário a criação e a materialização de programas e projetos que mostrem que a homossexualidade, o lesbianismo e diversas outras formas de demonstrar afeto estão presentes em nossa realidade e que devem ser respeitadas, começando pelas escolas, uma vez que os indivíduos são formados cidadãos a partir desta. E finalizo este artigo com uma breve reflexão sobre a frase final do conto “*e, se não dá pra consertar, a gente tem que aguentar*” - realmente não se pode voltar no tempo e consertar todas as perdas, humilhações, medos e angústias sofridas pelo público LGBTQI+, todavia, um futuro, no qual os LGBTQI+ sejam respeitados, apenas será construído se houver resistência e persistência na luta pelo direito e liberdade de amar.

## REFERÊNCIAS

DINIZ, Debora; OLIVEIRA, Rosana Medeiros (organizadoras). **Notícias de Homofobia no Brasil** – Brasília: Letras Livres, 2014

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Proposições, v.19, n.2, p. 17-23, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2> Acesso em: 11/04/2018.

PROULX, Annie. **O Segredo de Brokeback Mountain**, tradução: Adalgisa Campos da Silva - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

SEDGWICK, Eve Kosofski. **A epistemologia do armário**. 1990. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/sedgwick-eve.pdf?sequence=1> Acesso em: 11/04/2018.

SILVA, João Paulo; SILVEIRA, Ederson Luís; COSTA, Leonard Christy Souza. **A Teoria Queer e os muros da escola: tessituras entre prática e (des) normalizações**. TEXTURA-ULBRA, v. 18, n. 38, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/2057> Acesso em: 11/04/2018.

PATZER, Harald. **Cem anos de homossexualidade**. Revisão por: David M. Halperin  
Diacritics, vol. 16, No. 2 (Summer, 1986), pp. 34-45 Publicado por: The Johns Hopkins  
University Press Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/465069> .Acesso: 04/04/2013

Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/2018/04/14/site-homofobia-mata-do-ggb-registra-126-mortes-violentas-em-2018/> Acesso em: 25/04/2019.